

## JUDEUS, ESPARTANOS E ROMANOS EM 1 E 2 MACABEUS

*JEWS, SPARTANS AND ROMANS IN 1 AND 2 MACCABEES*

**Willibaldo Ruppenthal Neto**<sup>102</sup>

<sup>103</sup> Doutorando em História pela UFPR; Professor das Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR)

Correspondência para: Willibaldo Ruppenthal Neto (willibaldoneto@hotmail.com)

Recebido em maio de 2019; Aceito em julho de 2019

### RESUMO

Enquanto o livro de 1 Macabeus apresenta cartas que teriam sido trocadas entre judeus e espartanos (1 Mac 12.6-18, 20-23; 14.20-23) e um elogio aos romanos (1 Mac 8.1-16), estes dois povos, que aparecem inclusive relacionados em 1 Macabeus (14.16), aparecem também no relato de 2 Macabeus, que traz uma carta dos romanos aos judeus (2 Mac 11.34-38) e menciona um vínculo étnico entre judeus e espartanos (2 Mac 5.9). O presente artigo procura analisar tais indicações de relações entre judeus, espartanos e romanos nos livros de 1 Macabeus e 2 Macabeus a partir de seu contexto dentro do mundo helenístico e do helenismo como cultura dominante, estudando os termos gregos empregados para expressar tais relações a fim de determinar o que tais textos sugerem e sua relação com o seu contexto histórico.

**Palavras-chave:** Judaísmo helenístico; Espartanos; Romanos; Helenismo; 2 Macabeus.

### ABSTRACT

While the book of 1 Maccabees presents letters that would have been exchanged between Jews and Spartans (1 Macc. 12:6-18, 20-23; 14:20-23) and a praise of the Romans (1 Mac. 8:1-16), these two peoples, who are related in 1 Maccabees (14:16), also appear in the account of 2 Maccabees, which brings a letter from the Romans to the Jews (2 Mac. 11:34-38) and mentions an ethnic relationship between Jews and Spartans (2 Mac. 5:9). The present article seeks to analyze such indications of relations between Jews, Spartans and Romans in the books of 1 Maccabees and 2 Maccabees from their context within the Hellenistic world and the culture of Hellenism, that was

---

<sup>102</sup> Doutorando em História pela UFPR. Professor das Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR) e membro discente do NEMED, vinculado à UFPR. E-mail: willibaldoneto@hotmail.com

dominant, by studying the Greek terms used to express such relations in order to determine what these texts suggest and their relation to their historical context.

**Keywords:** Hellenistic Judaism; Spartans; Romans; Hellenism; 2 Maccabees.

Por mais estranho que possa parecer, 2 Macabeus<sup>103</sup> sugere um vínculo étnico entre judeus e espartanos. Se, por um lado, etnicidade não implicava em consanguinidade – levando-se em conta que se compreendia ἔθνος dentro do judaísmo helenístico como um conceito com conotação mais cultural que racial<sup>104</sup> –, por outro lado a vinculação étnica que 2 Macabeus estabelece entre judeus e espartanos inclui a afirmação de consanguinidade por meio de uma ancestralidade comum: quando descreve a morte de Jasão, o autor de 2 Macabeus afirma que “aquele que havia banido a tantos de sua pátria, em terra estrangeira veio a perecer, tendo-se dirigido aos lacedemônios”, ou seja, aos espartanos, “com a esperança de aí receber abrigo, em consideração à *origem comum* [τὴν συγγένειαν]” (2 Mac 5.9).<sup>105</sup> O termo utilizado neste texto, συγγένεια, que provém de γένος,<sup>106</sup> era o termo próprio para se referir às relações de familiaridade

---

<sup>103</sup> Este artigo é parte de minha dissertação de Mestrado em História pela UFPR, defendida em 2018, com modificações.

<sup>104</sup> Como bem indicado por Erich Gruen (2013, p. 17), “os termos normalmente entendidos como tendo significado étnico carregam múltiplos significados nos escritos judaicos, e apenas raramente designam características raciais”. No caso de ἔθνος, raramente é utilizado em sentido racial por Josefo, p.e., frequentemente aludindo “a costumes, práticas, e modo de vida” (GRUEN, 2013, p. 16), afirmando que o ἔθνος judaico obedece às leis de Moisés (AJ, 4.308), ou ainda que Antíoco Epifânio, quando arrependido antes de sua morte, lamenta ter prejudicado o ἔθνος judaico profanando seu templo e desprezando seu Deus (AJ, 11.3; 12.357).

<sup>105</sup> 2 Mac 5.9 (Bíblia de Jerusalém), grifo nosso. No grego: καὶ ὁ συχνούς τῆς πατρίδος ἀποξενώσας ἐπὶ ξένης ἀπώλετο πρὸς Λακεδαιμονίους ἀναχθεὶς ὡς διὰ τὴν συγγένειαν τευξόμενος σκέπης. Cf. MOMIGLIANO, 1975, p. 113.

<sup>106</sup> A palavra grega γένος tinha como principal significado “raça” e “parentesco”. No caso da ideia de consanguinidade, também presente, um texto de Demóstenes (Cont. Leoc. 44.2) destaca-se por apresentar a distinção entre o filho “de sangue” e o filho adotivo. Na *Odisséia* (15.267) há outro exemplo: Telêmaco afirma ser de Ítaca por “nascimento” (γένος), por ser filho de Odisseu – afinal, é a filiação a Odisseu que lhe dá a conexão por γένος a Ítaca. A palavra γένος também poderia ser utilizada, em sentido bastante próximo, como “clã” ou “família”, tal como aparece em Heródoto (*Hist.*, 1.125) e Plutarco (*Rom.*, 21). Cf. LSJ, p. 344.

entre cidades, algo comum nas relações políticas do mundo helenístico<sup>107</sup>.

Segundo Jan N. Bremmer (2010), no contexto helenístico o termo συγγένεια “era utilizado no caso de relações de sangue ou ancestralidade comum”,<sup>108</sup> enquanto οἰκειότης<sup>109</sup> “indicava apenas relações próximas” (BREMNER, 2010, p. 53).<sup>110</sup> No caso de Flávio Josefo, que opta pelo outro termo,<sup>111</sup> teria feito a escolha como uma opção mais sutil e aceitável por tais aferições de consanguinidade mítica já não serem tão comuns em seu tempo.<sup>112</sup> Acontece, porém, que Josefo utiliza o termo συγγένεια em outro caso: quando fala dos idumeus, lhes indica como considerados relacionados por parentesco (συγγενέσι) aos judeus.<sup>113</sup> De fato, segundo a tradição bíblica, os idumeus

---

<sup>107</sup> Olivier Curty é o maior nome no estudo da questão, tendo feito sua tese a este respeito. Cf. CURTY, 1995. Para uma visão mais resumida dos mitos de ancestralidade entre as cidades helenísticas, cf. CURTY, 1999. Para um estudo de Curty a respeito da suposta ancestralidade comum entre espartanos e judeus, cf. CURTY, 1992. Outros estudos, porém, também são importantes para a compreensão do uso de afirmações de ancestralidade comum entre cidades como mecanismo político do período helenístico. Cf. JONES, 1999; PATTERSON, 2010.

<sup>108</sup> Iseu de Atenas (séc. IV a.C.), por exemplo, vale-se dos termos γένος e συγγένεια quando visa indicar os graus de parentesco, apontando que uma filha certamente é uma parente mais próxima do que um irmão. Cf. Iseu, *Ciron*, 8.33.

<sup>109</sup> A palavra grega οἰκειότης possuía uma dupla significação: poderia ter o sentido de parentesco ou relacionamento, como aparece em Heródoto (*Hist.*, 6.54) e Tucídides (*Bell. Pel.* 3.86), ou ainda o sentido de intimidade e amizade. Cf. Tucídides, *Bell. Pel.*, 4.19; Platão, *Smp.*, 197d; Andocides, *Myst.*, 1.118; Demóstenes, *Cor.*, 18.35; LSJ, p. 1202.

<sup>110</sup> A respeito das diferenças entre συγγένεια e οἰκειότης, cf. WILL, 1995.

<sup>111</sup> Josefo, *AJ*, 12.226: ἐντυχόντες γραφή τινι εὐρομεν, ὡς ἐξ ἑνὸς εἶεν γένους Ἰουδαῖοι καὶ Λακεδαιμόνιοι καὶ ἐκ τῆς πρὸς Ἀβραμὸν οἰκειότητος. δίκαιον οὖν ἐστὶν ἀδελφούς ὑμᾶς ὄντας διαπέμπεσθαι πρὸς ἡμᾶς περὶ ὧν ἂν βούλησθε..

<sup>112</sup> Cf. BREMMER, 2010, p. 53. Lembrando que Flávio Josefo se refere também ao vínculo de amizade referido pela cidade de Pérgamo em relação a Abraão e seus ancestrais. Cf. Flávio Josefo, *AJ*, 14.247-255.

<sup>113</sup> Flávio Josefo, *Bell. Jud.*, 4.4.4 (274): “homens que, recusando a confiarem em seus parentes a proteção da cidade materna, os teriam feito árbitros em sua disputa e, enquanto acusando certos indivíduos de terem matado outros sem julgamento, teriam condenado a si mesmos com toda a nação à desonra”. Texto original: “μὴ πιστεύοντες δὲ τοῖς συγγενέσι τὴν τῆς μητροπόλεως φυλακὴν τοὺς αὐτοὺς δικαστὰς ποιοῦνται τῶν διαφόρων, καὶ κατηγοροῦντές τινων ὡς ἀποκτείνειαν ἀκρίτους, αὐτοὶ καταδικάζουσιν ὅλον τοῦ ἔθνους ἀτιμίαν”. Cf. JOSEPHUS, 1961, p. 82-83.

seriam descendentes de Edom (ou Esaú),<sup>114</sup> filho de Isaque, filho de Abraão. Seriam, portanto, vinculados aos judeus como descendentes de Abraão. No caso dos espartanos, porém, não há nenhuma referência na Bíblia Hebraica e, possivelmente, seja por isso que Josefo evitou afirmar a suposta consanguinidade. Mas, qual seria, então, a origem desta afirmação de parentesco entre judeus e espartanos?

Segundo algumas fontes posteriores,<sup>115</sup> haveria uma tradição em meio aos judeus na qual Hércules, que era usualmente apontado como antepassado dos espartanos, teria desposado uma das filhas de Afranes (ou Iafres), um descendente de Abraão.<sup>116</sup> De forma semelhante aos idumeus, portanto, também os espartanos seriam descendentes de Abraão, ou ainda “primos abrahâmicos” dos judeus, como categoriza Bremmer (2010). Apesar desta tradição estar presente somente em fontes posteriores, parece ser mais antiga (ORRIEUX, 1988), circulando principalmente no meio intelectual judaico (GRUEN, 1996) e podendo inclusive ter influenciado o relato de Hecateu de Abdera sobre os judeus, mesmo que indiretamente.

No relato de Hecateu de Abdera,<sup>117</sup> apesar de não haver menção aos espartanos, há uma comparação “óbvia”, apesar de estar “apenas implícita”, como disse Arnaldo Momigliano (1975, p. 84). Além dos judeus serem apresentados como um povo

---

<sup>114</sup> Cf. Gn 36.1.

<sup>115</sup> Esta tradição aparece tanto em Flávio Josefo (*AJ*, 1.239-241), que cita Alexandre Polyhistor (*FGrH*, 273, F 102), que cita Kleodemos Malchos, como ainda em Eusébio (*Praep. Ev.*, 9.20), que cita Flávio Josefo.

<sup>116</sup> Apesar da usual associação entre Herakles e os espartanos, aparentemente o propósito de Kleodemos Malchos, o autor mais antigo a ser associado com a tradição, é indicar a origem de povos africanos e não dos espartanos. Assim, quando fala que Herakles desposa a filha de Afranes, ela concebe Didoros, de quem provém Sophon, de quem os “bárbaros *sophakoi*” (βαρβάρους Σόφακας) herdaram o nome. Sobre a origem dos africanos por Kleodemos Malchos, cf. AMITAY, 2011.

<sup>117</sup> Diodoro Sículo, *Bib. Hist.*, 40.3.4. Para o texto grego de Hecateu de Abdera, uma tradução para o português e uma análise da fonte, cf. RUPPENTHAL NETO, 2018.

“antissocial” (ἀπάνθρωπόν)<sup>118</sup> e “inospitaleiro” (μισόξενον),<sup>119</sup> de modo semelhante a como os espartanos eram retratados na antiguidade,<sup>120</sup> Hecateu também apresenta Moisés<sup>121</sup> como um verdadeiro νομοθέτης, um legislador ao estilo grego, estando muito próximo às usuais representações de Licurgo, o legislador de Esparta:<sup>122</sup> teria estabelecido leis de aspecto militar,<sup>123</sup> com duro treinamento dos jovens, e distribuição

---

<sup>118</sup> Cf. Diodoro Sículo, *Bib. Hist.*, 40.3.4. Katell Berthelot (2003; 2008) contribuiu para o estudo do judaísmo antigo demonstrando como era recorrente e importante a acusação de misantropia (μισανθρωπία) contra os judeus, comparável à acusação de ateísmo e a acusação de onolatria (sobre esta última, cf. RUPPENTHAL NETO; FRIGHETTO, 2016). Afinal, tais acusações eram direcionadas especialmente aos judeus, enquanto as demais eram em geral estereótipos aplicados a vários povos diferentes, sendo tais estereótipos recorrentes no mundo greco-romano (cf. BOHAK, 2000). O problema está em detectar a origem das acusações aos judeus, que podem ter tido influência do relato de Hecateu de Abdera que, apesar de não utilizar o termo, afirma que o estilo de vida judaico é ἀπάνθρωπόν, ou seja, “antissocial” (RUPPENTHAL NETO, 2018) ou “insociável” (AUSTIN, 2006, p. 378, inglês: *unsociable*). Seja como for, a acusação de misantropia ganhou importância ao ponto de, como lembra Gideon Bohak (2000, p. 13), Filo de Alexandria ter procurado indicar justamente uma φιλανθρωπία judaica (Filo, *Mos.*, 2.9; *Spec.*, 1.129; 2.63; 3.36; *Virt.* 51ss), contrariando a ideia de uma μισανθρωπία judaica.

<sup>119</sup> Cf. Diodoro Sículo, *Bib. Hist.*, 40.3.4. A tradução deste termo não é simples, podendo ser utilizada a expressão “inospitaleiro” (RUPPENTHAL NETO, 2018; BERTHELOT, 2008), ou ainda “hostil a estrangeiros” (AUSTIN, 2006, p. 379; WHITTAKER, 1984, p. 37; BAR-KOCHVA, 2010, p. 101). Segundo o próprio relato, o povo judaico seria μισόξενον por conta de sua expulsão (ξενηλασίαν) do Egito (*Bib. Hist.*, 40.3.4) por parte dos egípcios.

<sup>120</sup> Segundo Jan Bremmer (2010, p. 50), Hecateu tem esta perspectiva por ter tido como fonte principal os judeus de Alexandria que, “comparando a si mesmos com os xenofóbicos mas ilustres espartanos, (...) tentaram legitimar seu especial estilo de vida”. Tal aproximação dos espartanos, portanto, teria sido uma criação judaica, a fim de relacionar ambas as culturas, justificando tal aproximação por meio de uma ancestralidade comum de ambos os povos.

<sup>121</sup> Moisés é a principal referência histórica dos judeus que os demais povos possuem no período helenístico. Tal importância é evidenciada no fato de que sua imagem é transformada no período helenístico não somente nos relatos de autores helenísticos (RUPPENTHAL NETO, 2016b), mas também de autores judeus (RUPPENTHAL NETO, 2016a). Um grande exemplo neste sentido é o relato de Hecateu de Abdera, que centraliza a história judaica em Moisés, conferindo-lhe funções que não correspondem à história judaica, a exemplo da fundação de Jerusalém, além de utilizá-lo como referência para apresentar os principais pontos da identidade judaica. A este respeito, cf. RUPPENTHAL NETO; FRIGHETTO, 2018.

<sup>122</sup> Também é possível se perceber semelhança entre o Moisés apresentado por Josefo e Licurgo. Cf. FELDMAN, 2005; RUPPENTHAL NETO, 2016b, p. 121.

<sup>123</sup> Cf. Diodoro Sículo, *Bib. Hist.*, 40.3.6. A respeito da tradição militar espartana, cf. Platão, *Lg.*, 628e; *Lach.*, 182c e 183a; Xenofonte, *Lac. Pol.*, 11-12; Flávio Josefo, *Ap.*, 2.130. Segundo Jan N. Bremmer (2010, p. 50), a indicação de um “treinamento militar” estabelecido por Moisés é o resultado de um exagero na elaboração da comparação entre judeus e espartanos criada pelos judeus que foram fontes do etnógrafo

de terras.<sup>124</sup> Vendo por esta *interpretatio graeca* dos judeus,<sup>125</sup> estes, com Moisés, e os espartanos, com Licurgo, teriam em comum não somente sua constituição legislativa, mas também sua educação baseada em tais leis,<sup>126</sup> respectivamente a educação pela Torá e a educação espartana da ἀγωγή.

Observando-se o fato de que os espartanos haviam sofrido a imposição de uma constituição e educação diferentes da estabelecida por Licurgo por parte da Liga Aqueia comandada por Filopémen,<sup>127</sup> tendo depois reestabelecido suas “leis ancestrais” e a educação propriamente espartana (ἀγωγή), pode-se pensar em uma relação mais profunda entre judeus e espartanos: se 2 Macabeus afirma uma relação de consanguinidade, 1 Macabeus indica também<sup>128</sup> uma relação de conquista, cuja “glória” (1 Mac 12.12) alcançada pelos espartanos pode ser interpretada como o reestabelecimento das leis de Licurgo, e a “glória” (1 Mac 14.21) conquistada pelos

---

grego Hecateu.

<sup>124</sup> De fato, a divisão de terras e a administração da propriedade agrária era uma questão tratada não somente por Moisés (Lv 25.23, 24; Nm 27.1-8; 36.1-12) como por Licurgo (Platão, *Lg.*, 684e; Plutarco, *Lyc.*, 8.3-6; 16.1), não sendo uma criação de Hecateu, mas um ponto em comum de fato. Sobre a divisão de terras em Esparta, cf. HODKINSON, 1986.

<sup>125</sup> Sobre o método de Hecateu de Abdera de *interpretatio graeca*, cf. DILLERY, 1998.

<sup>126</sup> Trata-se de uma semelhança no fato de terem legisladores próprios, constituições próprias e educações próprias, e não semelhança entre estas, afinal, as leis judaicas e espartanas divergem em inúmeros pontos: a pederastia, p.e., que era um elemento bastante presente na sociedade espartana, contrariava as leis judaicas contra a homossexualidade (Lv 18.22), cuja pena era a morte (Lv 20.30). Sobre a pederastia espartana, cf. CARTLEDGE, 1981. Também a obrigação de criar os filhos, presente entre os judeus, como Hecateu de Abdera (Diodoro Sículo, *Bib. Hist.*, 40.3.8) e Tácito (*Hist.*, 5.5.3) indicaram, não tinha correspondência ao caso espartano, conhecido pelo infanticídio por parte de muitos pais. Cf. Plutarco, *Lyc.* 16.1-2. Sobre o infanticídio na Grécia Antiga, cf. PATTERSON, 1985.

<sup>127</sup> Os espartanos tiveram suas “leis ancestrais” revogadas entre 189/188 a.C. e 178 a.C, uma vez que Filopémen, chefe da Liga Aqueia, os forçou a abandonarem as leis e costumes tradicionais herdados de Licurgo, os substituindo pela adoção das leis e educação das cidades aqueias. Cf. Lívio (*Urb.*, 38.34.3): “*Lycurgi leges moresque abrogarent, Achaeorum aduerserent legibus institutisque*”. Sobre o caráter tirânico da Liga Aqueia, cf. MORENO LEONI, 2015.

<sup>128</sup> Segundo 1 Macabeus 12.21(b), judeus e espartanos são “irmãos, e pertencem à descendência de Abraão [ὄτι εἰσὶν ἀδελφοὶ καὶ ὅτι εἰσὶν ἐκ γένους Ἀβρααμ]”. Em 1 Macabeus 14.20, uma suposta carta dos espartanos aos judeus também apresenta o termo, afirmando, por parte dos espartanos, que os judeus são seus “irmãos [ἀδελφοὶς]”.

judeus o reestabelecimento das leis de Moisés. O judaísmo, assim, pode ser compreendido como uma vitória cultural que aproxima os judeus de outros povos, como os espartanos, que reestabeleceram suas leis ancestrais após terem perdido-as por imposição estrangeira. Tais glórias, porém, não são indicadas pelo autor de 1 Macabeus na narrativa, mas estão dentro de cartas diplomáticas que supostamente foram trocadas entre espartanos e judeus.<sup>129</sup> Segundo Jonathan A. Goldstein (1976, p. 447ss) e outros autores,<sup>130</sup> as cartas enviadas aos espartanos teriam como propósito principal estabelecer uma ponte diplomática até os romanos, aliados dos espartanos.<sup>131</sup>

Assim como 1 Macabeus apresenta cartas entre judeus e espartanos, ambos os livros (1 e 2 Macabeus) relatam embaixadas diplomáticas entre judeus e romanos. Se em 2 Macabeus 4.11 uma “embaixada com o objetivo de estabelecer amizade e aliança com os romanos” é mencionada, em 2 Macabeus 11.34-38, são os próprios romanos que enviam uma mensagem aos judeus: trata-se de uma carta na qual os romanos se propõem a apresentarem ao rei Antíoco Eupátor, filho de Antíoco IV, a opinião dos

---

<sup>129</sup> 1 Macabeus apresenta 3 cartas entre judeus e espartanos: 1 Mac 12.6-18 (carta do sumo sacerdote Jônatas aos espartanos); 12.20-23 (carta do rei espartano Areu a Onias, sumo sacerdote dos judeus); 14.20-23 (carta dos espartanos a Simão, sumo sacerdote dos judeus). Sobre estas cartas, cf. KATZOFF, 1985; RODRIGUES, 2013; CURTY, 1992; SCHÜLLER, 1956; GINSBURG, 1934; GOLDSTEIN, 1976, p. 444-462; ORRIEUX, 1988; BREMMER, 2010; GRUEN, 1996; JONES, 1999, p. 75-79; AMITAY, 2013; GRUEN, 2011, p. 277-307; MOMIGLIANO, 1931, p. 141-170.

<sup>130</sup> Segundo Nuno Simões Rodrigues (2013, p. 115), as cartas serviram como “uma via para chegar a Roma”. Para Arnaldo Momigliano (1975, p. 113), a relação com os espartanos teria se dado a fim de “explorar esta lenda por respeitabilidade política” (MOMIGLIANO, 1975, p. 113), uma vez que os espartanos eram tidos como parentes das sabinas, que deram muitas esposas aos reis romanos. Para Christopher P. Jones (1999, p. 78-79), pode-se ver aqui a prática helenística de embaixadores irem em uma mesma missão a um aliado principal (no caso, Roma) e a outros aliados (como Esparta) que pudessem ajudar. De fato, as cartas entre espartanos e judeus estão no contexto que 1 Macabeus apresenta embaixadas a Roma. Porém, como destacou Ranon Katzoff (1985, p. 488), a embaixada “parece estar planejada para a viagem de volta de Roma, e não como preparatória para esta”. Isto não significa, porém, que a embaixada serviria utilizando Roma para alcançar o favor de Esparta (contra: SCHÜLLER, 1956, p. 266), que naquele momento era “fraca e distante” (KATZOFF, 1985, p. 487). Também, considerando-se que Roma não havia dado nenhum suporte aos judeus contra a Síria, é mais provável que as cartas tenham como propósito afirmar a força e independência judaicas, ao invés de ser um pedido de auxílio militar.

<sup>131</sup> A partir de 146 a.C. Esparta se constitui em uma cidade satélite favorecida por Roma. Cf. KATZOFF, 1985, p. 487.

judeus a respeito da proposta selêucida de perdão político e licença para voltarem praticar suas leis (2 Mac 11.31). Roma apresenta-se, nesta carta, como uma mediadora por excelência, servindo como um símbolo cultural aos judeus. Se os selêucidas utilizam seu poder a fim de impor sua vontade sobre outros povos, Roma utiliza seu poder para moderar tais imposições.

Assim como no caso da relação com os espartanos, também a relação com os romanos é melhor explicada quando se atenta ao livro de 1 Macabeus. Neste livro, o embaixador Eupolemo, filho de João, apenas mencionado em 2 Macabeus (4.11),<sup>132</sup> é escolhido, juntamente com Jasão, filho de Eleazar, por Judas Macabeu (1 Mac 8.17), para que fossem estabelecer uma relação de amizade e aliança e para que pedissem que os romanos “os libertassem do jugo, visto que o reino dos gregos queria manter Israel na servidão” (1 Mac 8.18). Aqui, ainda mais que em 2 Macabeus, fica clara a oposição entre os selêucidas, que utilizam seu poder para subjugar, e os romanos, que usam seu poder para libertar.<sup>133</sup> Assim, 1 Macabeus relata que os romanos se tornaram aliados dos judeus, por um acordo de mútua proteção (1 Mac 8.23-30), renovado por judeus (1 Mac 12.1) e romanos (1 Mac 15.17-19) ao longo do relato.

Muito mais importante que o acordo, porém, é o elogio aos romanos feito pelo autor de 1 Macabeus (1 Mac 8.1-16)<sup>134</sup> que, segundo Arnaldo Momigliano (1975, p. 114),

---

<sup>132</sup> Como lembra Linda Zollschan (2004, p. 44), a gramática do texto grego de 2 Macabeus 4.11 permite que se entenda até mesmo que foi o pai, João, e não o filho, Eupolemo, o embaixador aos romanos. Segundo a autora, a embaixada mencionada aqui não é a enviada por Judas Macabeu em 161 a.C., mas uma embaixada anterior, que teria ido aos romanos já no ano de 174 a.C.

<sup>133</sup> Em 2 Macabeus esta oposição se apresenta pelos personagens: Jasão, que estabelece um acordo com os selêucidas, suprime os privilégios que João, pai de Eupolemo, havia alcançado para os judeus (2 Mac 4.11). O texto estabelece a oposição lembrando que este Eupolemo é “o mesmo que depois chefio a embaixada com o objetivo de estabelecer amizade e aliança com os romanos” (2 Mac 4.11). A diferença mais perceptível é a de que, enquanto a oposição de 1 Macabeus se constrói especialmente sobre os Estados (selêucidas e romanos), em 2 Macabeus esta oposição aparece mais entre personagens judaicos: Jasão, que trai seu povo com os selêucidas por meio de um acordo, e João e seu filho Eupolemo, que buscam ajudar os judeus por meio de seus acordos.

<sup>134</sup> Sobre este *laus romanorum* de 1 Macabeus, cf. SORDI, 1975.

é “um dos mais marcantes elogios de Roma em toda a antiguidade”. Neste elogio, apesar de se afirmar que os romanos “destruíram e submeteram” (1 Mac 8.11) reinos e ilhas<sup>135</sup> que lhes resistiram, “com os seus amigos, porém, e com os que se fiavam no seu apoio, eles mantiveram amizade” (1 Mac 8.11), pois “se compraziam em todos os que se aliassem a eles, e concediam sua amizade a quantos a eles se dirigissem” (1 Mac 8.1). Afinal, apesar de “exercerem a realeza aqueles a quem eles querem ajudar a exercê-la” e deporem “aqueles a quem querem depor” (1 Mac 8.13), os romanos mesmo não exercem a realeza: “nenhum deles cingiu o diadema, nem revestiu a púrpura para se engrandecer com ela” (1 Mac 8.13), mas antes “criaram para si um conselho,<sup>136</sup> onde cada dia deliberam trezentos e vinte homens, constantemente consultando-se sobre a multidão e sobre como dirigi-la ordenadamente” (1 Mac 8.15).

Não há rei entre os romanos, portanto, porque “confiam por um ano o poder sobre si e o governo de todos os seus domínios a um só homem,<sup>137</sup> ao qual unicamente todos obedecem, sem haver inveja ou rivalidade entre eles” (1 Mac 8.16). O elogio apresenta, portanto, uma visão profundamente utópica da realidade política romana que, dividida neste período republicano entre vários grupos políticos,<sup>138</sup> acabou culminando justamente na formação de um Império.

---

<sup>135</sup> O elogio, consideravelmente longo, menciona as vitórias dos romanos sobre os “gálatas” (gauleses?, 1 Mac 8.2), sobre a Espanha (1 Mac 8.3), sobre Filipe e Perseu (1 Mac 8.5), sobre Antíoco, o Grande (1 Mac 8.6), e sobre os gregos (1 Mac 8.9ss).

<sup>136</sup> Trata-se do Senado romano. É bem possível, apesar de não estar evidente no texto, que a valorização judaica deste conselho tenha relação com a existência de um mecanismo semelhante entre os judeus, que era o Conselho dos Anciãos, que veio a se constituir no Sinédrio.

<sup>137</sup> Como bem lembra a Bíblia de Jerusalém (p. 740, nota a), neste contexto haviam não um mas dois cônsules, de modo que é bem possível que o autor tenha se confundido por somente um destes dois estar encarregado dos negócios do Oriente, se fazendo conhecido aos judeus.

<sup>138</sup> Como bem demonstrado por Francisco Pina Polo (1994), a política romana ao final da República foi marcada por diversas ideologias e práticas políticas que, nem sempre se adequavam a padrões homogêneos de grupos e partidarismos. Além de ser constituída por amizades e ideologias, a política romana republicana também se dava em um contexto de diferentes interesses pessoais e coletivos, que criava oposições e rivalidades bastante distantes da ideia de 1 Macabeus de que não haveria “inveja ou rivalidade entre eles” (1 Mac 8.16).

Como bem afirmou Arnaldo Momigliano, “do final do terceiro século [a.C.] para a frente qualquer grego poderia sentir crescentemente a presença de um novo poder intimidador – Roma” (MOMIGLIANO, 2007, p. 786). Os judeus não eram exceção. Acontece, porém, que os judeus não imaginaram (no contexto de escrita de 1 e 2 Macabeus) que a República Romana se tornaria em um império helenístico, não somente se distanciando daquilo que o autor de 1 Macabeus tanto elogia nos romanos, mas também se aproximando do mesmo padrão que Antíoco Epifânio e todos os reis selêucidas seguiram: a monarquia helenística,<sup>139</sup> adaptada ao caso romano como principado.<sup>140</sup>

Assim, a transformação posterior deste “aliado distante” no novo domínio estrangeiro sob o qual os judeus estariam submetidos e cuja imposição seria ainda mais forte que a anterior – suscitando diversas revoltas e culminando na destruição do Templo de Jerusalém (não apenas no seu saque, como o fizera Antíoco Epifânio) –, não estava no horizonte de expectativa do autor de 2 Macabeus. É justamente por isso que seu conceito de Ἰουδαϊσμός se estabelece como uma realidade política na qual o grande inimigo é o Ἑλληνισμός, encarnado no Império Selêucida, tendo os romanos como aliados distantes.

Talvez tal frustração, sendo novamente submetidos a um poder estrangeiro, tenha conduzido o conceito de Ἰουδαϊσμός a se desenvolver mais como um elemento religioso, especialmente após a derrota de Bar Kokhba para os romanos (136 d.C.). De toda forma, porém, mesmo que em 2 Macabeus o termo Ἰουδαϊσμός tenha profundos

---

<sup>139</sup> Segundo Erwin Goodenough (1928), a monarquia helenística era compreendida primariamente como uma transformação do rei em um ἔμψυχος νόμος, “lei viva”, ou seja, como a lei divina ou natural encarnada em um homem que é único entre todos, servindo como mediador entre a sociedade e a lei. Sobre a relação desta ideia com concepções judaicas e cristãs, cf. MARTENS, 1994, p. 323-338.

<sup>140</sup> Para uma compreensão do Império romano como principado, cf. MUÑOZ VALLE, 1972. Vale lembrar que a figura de Alexandre, o Grande, grande ícone do mundo helenístico, influenciará não somente a imagem dos imperadores romanos, especialmente a partir do séc. I d.C., mas também as leituras sobre o passado republicano, cf. TORREGARAY PAGOLA, 2003.

significado político e cultural, não deixa de ter um importante aspecto religioso, distanciando e marcando as marcas diferenciais dos judeus em relação aos demais. Nisto, porém, espartanos e romanos não poderão servir de exemplo – chega-se ao limite das relações, criando o espaço necessário para a posterior afirmação do judaísmo como resistência aos próprios romanos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais sob a coordenação de Gilberto da Silva Gorgulho, Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson, 9ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2013.
- DIODORUS SICULUS. *Library of History*. Volume 12: Fragments of Books 33-40. Translated by Francis R. Walton. Cambridge, Mass/London: Harvard University Press, 1967. (LCL).
- JOSEPHUS. In Nine Volumes. Volume III: *The Jewish War*, Books IV-VII. With an English translation by H. St. J. Tackeray. London/Cambridge, MA: William Heinemann; Harvard University Press, 1961. (LCL).
- JOSEPHUS. In Nine Volumes. Volume VII: *Jewish Antiquities*, Books XII-XIV. With an English translation by Ralph Marcus. London/Cambridge, MA: William Heinemann; Harvard University Press, 1957. (LCL).
- LIVY. With an English translation by Evan T. Sage. In Thirteen Volumes. Volume XI: Books XXXVIII-XXXIX. London/Cambridge, MA: William Heinemann; Harvard University Press, 1936. (LCL).
- SEPTUAGINTA. Id est VT graece iuxta LXX interpretes edidit Alfred Rahlfs. Editio altera quam recognovit et emendavit Robert Hanhart. Duo volumina in uno. Stuttgart: Sociedade Bíblica do Brasil; Deutsche Bibelgesellschaft, 2011.
- AMITAY, Ory. Kleodemus Malchos and the Origins of Africa. *Mouseion*, Series III, Vol.

11, p. 191-219, 2011.

AMITAY, Ory. The Correspondance in I Maccabees and the possible origins of the Judeo-Spartan connection. *Scripta Classica Israelica*, No. 32, p. 79-105, 2013.

AUSTIN, Michel. (Ed.). *The Hellenistic World from Alexander to the Roman Conquest: A Selection of Ancient Sources in Translation*. Second Augmented Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

BAR-KOCHVA, Bezalel. *The Image of the Jews in Greek Literature: The Hellenistic Period*. Berkeley: University of California Press, 2010. (The S. Mark Taper Foundation Imprint in Jewish Studies, 51).

BERTHELOT, Katell. Hecataeus of Abdera and Jewish 'misanthropy'. *Bulletin du Centre de recherche français à Jérusalem*, Varia 19 [online], March 2008.

BERTHELOT, Katell. *Philanthrôpia judaica: Le débat autour de la "misanthropie" des lois juives dans l'Antiquité*. Leiden/Boston: Brill, 2003. (Supp JSJ, 76).

BOHAK, Gideon. Ethnic Stereotypes in the Greco-Roman World: Egyptians, Phoenicians, and Jews. In: *Proceedings of the Twelfth World Congress of Jewish Studies*. Division B: History of the Jewish People. Jerusalem: World Union of Jewish Studies, 2000. p. 7-15.

BREMMER, Jan N. Spartans and Jews: Abrahamic Cousins? In: GOODMAN, Martin; VAN KOOTEN, George H.; VAN RUITEN, Jacques T. A. G. M. (Ed.). *Abraham, the Nations, and the Hagarites: Jewish, Christian, and Islamic Perspectives on Kinship with Abraham*. Leiden: Brill, 2010.

CARTLEDGE, Paul. The politics of Spartan Pederasty. *Cambridge Classical Journal*, Cambridge, Vol. 27, p. 17-36, January 1981.

CURTY, Olivier. À propôs de la parenté entre Juifs et Spartiates. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Stuttgart, Bd. 41, H. 2, p. 246-248, 1992.

CURTY, Olivier. La parenté légendaire à l'époque hellénistique: précisions méthodologiques. *Kernos*, 12, p. 167-194, 1999.

- CURTY, Olivier. *Les parentés légendaires entre cités grecques: catalogue raisonné des inscriptions contenant le terme συγγένεια et analyse critique*. Genève: Librairie Droz, 1995. (Hautes études du monde gréco-romain, 20).
- DILLERY, John. Hecataeus of Abdera: Hyperboreans, Egypt and the 'Interpretatio Graeca'. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Stuttgart, Bd. 47, H. 3, p. 255-275, 3rd Qtr. 1998.
- FELDMAN, Louis H. Parallel Lives of Two Lawgivers: Josephus' Moses and Plutarch's Lycurgus. In: EDMONDSON, Jonathan; MASON, Steve; RIVES, James. (Ed.). *Flavius Josephus and Flavian Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 209-242.
- GINSBURG, Michael S. Sparta and Judaea. *Classical Philology*, Chicago, Vol. 29, No. 2, p. 117-120, Apr. 1934.
- GOLDSTEIN, Jonathan A. *I Maccabees: A New Translation with Introduction and Commentary* by Jonathan A. Goldstein. Garden City: Doubleday & Company, 1976. (The Anchor Bible).
- GOODENOUGH, Erwin R. The Political Philosophy of Hellenistic Kingship. *Yale Classical Studies*, Vol. 1, p. 53-102, 1928.
- GRUEN, Erich S. Did Ancient Identity depend on Ethnicity? A Preliminary probe. *Phoenix*, Toronto, Vol. 67, No. 1/2, p. 1-22, Spring-Summer/printemps-été 2013.
- GRUEN, Erich S. Hellenism and Persecution: Antiochus IV and the Jews. In: GREEN, Peter. (Ed.). *Hellenistic History and Culture*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1993. (Hellenistic culture and society, 9). p. 238-274.
- GRUEN, Erich S. *Rethinking the Other in Antiquity*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2011. (Martin classical lectures).
- HODKINSON, Stephen. Land Tenure and Inheritance in Classical Sparta. *Classical Quarterly*, Cambridge, UK, New Series, Vol. 36, No. 2, p. 378-406, 1986.
- JONES, Christopher P. *Kinship Diplomacy in the Ancient World*. Cambridge, MA/London: Harvard University Press, 1999. (Revealing antiquity, 12).

KATZOFF, Ranon. Jonathan and Late Sparta. *American Journal of Philology*, Baltimore, Vol. 106, No. 4, p. 485-489, Winter 1985.

[LSJ] LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert; JONES, Henry Stuart. *A Greek-English Lexicon*. Compiled by Henry George Liddell and Robert Scott. Revised and Augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones with the Assistance of Roderick McKenzie and with the cooperation of many scholars. With a revised Supplement. Oxford: Clarendon Press, 1996.

MARTENS, John. Nomos Empsychos in Philo and Clement of Alexandria. In: HELLEMAN, Wendy E. (Ed.). *Hellenization Revisited: Shaping a Christian Response within the Greco-Roman World*. Lanham: University Press of America, 1994. p. 323-338.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *Alien Wisdom: The Limits of Hellenization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Hellenism. In: SKOLNIK, Fred (Ed.). *Encyclopaedia Judaica*. 2 ed. Detroit/Jerusalem: Thomson Gale; Keter Publishing House, 2007. p. 784-786 (Volume VIII).

MOMIGLIANO, Arnaldo. *Prime Linee di Storia della Tradizione Maccabaica*. Torino: Casa Editrice Giovanni Chiantore, 1931.

MORENO LEONI, Álvaro M. Memoria y tiranía en la Confederación Aquea helenística (s.III-II a.C.). *Emerita*, Revista de Lingüística y Filología Clásica, Madrid, Vol. LXXXIII, No. 1, p. 133-156, 2015.

MUÑOZ VALLE, Isidoro. La concepción del Imperio romano como Principado. *Cuadernos de Filología Clásica*, Madrid, Vol. 3, p. 115-125, 1972.

ORRIEUX, C. La "parenté" entre Juifs et Spartiates. In: LONIS, R. (Ed.). *L'étranger dans le monde grec*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 1988. p. 169-191.

PATTERSON, Cynthia. 'Not Worth the Rearing': The Causes of Infant Exposure in Ancient Greece. *Transactions of the American Philological Association*, Baltimore, Vol. 115, p. 103-123, 1985.

PATTERSON, Lee E. *Kinship Myth in Ancient Greece*. Austin: University of Texas Press, 2010.

PINA POLO, Francisco. Ideología y práctica política en la Roma tardorrepública. *Gerión*, Madrid, Vol. 12, p. 69-94, 1994.

RODRIGUES, Nuno Simões. O que tem Esparta que ver com Jerusalém? A construção de um mito helenístico. *HUMANITAS*, Coimbra, Vol. LXV, p. 109-122, 2013.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. A imagem de Moisés no judaísmo helenístico. *Reflexus*, Ano X, p. 375-393, 2016.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. A imagem de Moisés no mundo helenístico. *Revista Jesus Histórico*, Ano IX, No. 17, p. 116-132, 2016.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo; FRIGHETTO, Renan. A acusação de onolatria judaica no período helenístico. *Revista Batista Pioneira*, v. 5, n. 2, p. 377-390, 2016.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo; FRIGHETTO, Renan. A identidade judaica e suas fronteiras no relato de Hecateu de Abdera. *Estudos Teológicos*, v. 58, n. 1, p. 163-177, 2018.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. O relato de Hecateu de Abdera sobre os judeus. *Hypnos*, v. 41, 2º Sem., p. 166-192, 2018.

SCHÜLLER, S. Some problems connected with the supposed common ancestry of Jews and Spartans and their relations during the last three centuries b.C. *Journal of Semitic Studies*, Vol. 1, Issue 3, p. 257-268, 1956.

SORDI, Marta. L'elogio dei Romani nel I libro dei Maccabei. In: SORDI, Marta. (Ed.). *Storiografia e propaganda: contributi dell' Instituto di storia antica*. Vol. 3. Milan: Vita e Pensiero, 1975. p. 95-104.

TORREGARAY PAGOLA, Elena. La influencia del modelo de Alejandro Magno en la tradición escipiónica. *Gerión*, Madrid, Vol. 21, No. 1, p. 137-166, 2003.

WHITTAKER, Molly. (Ed.). *Jews and Christians: Graeco-Roman Views*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

WILL, Édouard. Syngeneia, Oikeiotès, *Philia*. Revue de Philologie, de Littérature et d'Histoire Anciennes, Vol. 69, No. 2, p. 299-325, 1995.

ZOLLSCHAN, Linda T. The Earliest Jewish Embassy to the Romans: 2 Macc. 4:11? *Journal of Jewish Studies*, Oxford, Vol. 55, No. 1, p. 37-44, Spring 2004.